Acervo ISA

4 MÁRTIRES EM 2 MESES

— SÊO CARVALHO, FALTAM DOIS ÍNDIOS! — E DAÍ?

— Sêo Carvalho, faltam dois índios!
— E daí?

O índio Celestino, que já foi torturado pela Polícia e portanto é sabedor do quanto são capazes os fazendeiros e policiais em Barra do Corda, interior do Maranhão, onde o povo **Guajajara**, não perguntava por perguntar. Mas o sêo Porfírio Carvalho, chefe da Ajudância da FUNAI, não estava interessado em saber como e por quê faltavam dois índios das aldeias Coquinho e Muçum.

Na verdade os **Guajajara** Mateus e Moacir, já velhos, tinham sido seqüestrados e mortos pelos donos da Fazenda Xupé, que faz limite com a aldeia Altamira e que é constantemente invandida pelos homens da fazenda. Mateus e Moacir não fizeram mal a ninguém. Foram aprisionados simplesmente como forma de vingança pela morte de um fazendeiro, ocorrida naquele mesmo dia, 26 de fevereiro deste ano, após conflito entre **Guajajaras** e jagunços.

Com as mortes de Mateus e Moacir sobe para quatro o número de indígenas assassinados num período de tempo relativamente curto, isto é, entre dezembro e fevereiro de 1980. Em todos os casos, como os de Ângelo Pankararé e Ângelo Cretã, a FUNAI se posicionou de maneira dúbia e não tomou qualquer providência no sentido de que os massacres contra lideranças indígenas possam ter fim.

DIA 26: MUITO SANGUE

Na manhã do dia 26 de fevereiro, um grupo de jagunços, armados, sob o comando do fazendeiro Bonfim, invadiu a aldeia Altamira e houve então o confronto. Bonfim tentou alvejar o Guajajara Virgílio, este se desviou do tiro enquanto seus companheiros agarraram Bonfim e o levaram preso para o centro da aldeia.

Não pretendiam torturar nem matar o fazendeiro. Queriam a sua garantia de que não voltaria a ocorrer outra invasão. Sabiam, pela experiência, que os homens da fazenda eram sempre muito violentos e, temendo um ataque, alguns **Guajajara** se dirigiram à Fazenda Xupé quando encontraram um mais numeroso grupo armado, agora sob o comando de outros dois, fazendeiros, Benedito Moreira Barros e José Maria Moreira Barros. Quando os **Guajajara** lutavam para desarmar José Maria a arma disparou e atingiu o outro fazendeiro. Os **Guajajara** prenderam mais dois homenms.

No mesmo dia 26, após a luta que resultou na morte do fazendeiro Benedito Moreira Barros, ocorreu o seqüestro de Mateus e Moacir. Os dois velhos caminhavam pela BR-226, que atravessa a reserva, em direção à roça, quando foram abordados por dois carros: um "Fusca" vermelho, dirigido pelo fazendeiro José Maria; a seu lado, o sub-comandante da PM, capitão José Mateus de Souza Lopes. Na camionete, uma C-10 da PM, cheia de policiais. Os dois velhos foram agarrados e levados para a Fazenda Xupé. É claro que eles sabiam da briga, que eles eram parte da briga em defesa de suas terras invadidas. Mas é que já estavam muito velhos e por isso um pouco afastados. Apoiavam seus irmãos **Guajajara** mas jamais poderiam ser tomados como acusados de qualquer ação, por mais justa e justificada que fosse.

Mateus e Moacir foram levados para as margens do rio Mearim, na Fazenda Xupé e ali assassinados, na presença da patrulha comercial.

EU VI

Para evitar qualquer repercurssão, os assassinos tentaram esconder os corpos. Mas Celestino, o **Guajajara** que conheceu o gosto travoso das câmaras de torturas do Brasil, insistia junto a sêo Carvalho, chefe da Ajudância:

— Sêo Carvalho, faltam dois índios...

— Que há de estranho nisso? Dois índios faltam? E daí? Foram caçar, foram passear. Índios têm costume de sair da aldeia e ficar na mata por muitos dias, caçando, pescando — retrucava sêo Carvalho, morrendo de medo de admitir o pior.

Guajajara e chefe da Ajudância chegaram à delegacia e aí foram mal recebidos: "Quem sabe de índio é a FUNAI", responderam. Faltava procurar Mateus e Moacir na Fazenda Xupé. No caminho encontraram um rapaz, empregado da fazenda vizinha, que havia presenciado tudo. E contou:

— O sêo Zé Maria matou os índios, atirando pelas costas e os policiais estavam bem aí, assistindo...Eu vi. Eu carreguei e joguei os corpos no rio. .. Fui obrigado.

Os índios seguiram o caminho indicado, descendo o rio, e encontraram o corpo de Mateus enganchado nas ramas, de braços abertos, como um Cristo crucificado. O corpo de Moacir não foi encontrado.

A PALAVRA DO CIMI

Os padres Odilo Erhardt e Carlos Ubbiali do CIMI (Maranhão e Goiás), estiveram no local dos acontecimentos e concluíram que o conflito não é um fato isolado, como tentou demonstrar a FUNAI, mas conseqüência do roubo das terras dos **Guajajara**, por fazendeiros e colonos incentivados pelos poderosos. E concluíram:

A política oficial ainda é conta o índio, afirmam os padres. Se não foi instaurado nenhum inquérito é porque a FUNAI, como órgão, não tomou providência. Por outro lado, os funcionários da FUNAI continuam sem garantias de vida, o que resulta no comportamento temeroso do chefe da Ajudância, o sêo Carvalho.

Segundo os dois padres que estiveram no local, os conflitos se intensificaram a partir do momento em que os **Guajajara** iniciaram a luta para retomarem as terras de Alto Alegre, há alguns anos. Alto Alegre, desde o final do século passado, é tido como propriedade dos padres Capuchinhos e ali, no ano de 1901, os **Guajajara** já realizaram um ataque em que muitos religiosos morreram.

Ultimamente a situação ficou ainda mais grave com a expansão das fazendas na região e com a chegada de grande número de colonos, vindos, muitas das vezes, incentivados pelos próprios fazendeiros, para que expulsem os índios cada vez mais de suas terras.

O corpo do Guajajara Mateus foi encontrado no dia 2 de março de 1980, no rio Mearim, enganchado nas ramas, de braços abertos, como um Cristo crucificado.